

O PAPEL DO COOPERATIVISMO ESCOLAR NA FORMAÇÃO DO ALUNO/ASSOCIADO EM SUA ATIVIDADE PROFISSIONAL

Heron Lisboa de Oliveira¹

SINOPSE

O cooperativismo escolar, representado pelas cooperativas-escola, associações de alunos que cursam o ensino médio em escolas agrícolas, atravessa atualmente uma fase de revisão de sua prática administrativa e pedagógica. Este trabalho, sobre o papel do cooperativismo escolar na formação humana e profissional do cooperado, analisa as possibilidades de crescimento que essa instituição pode oferecer a seu quadro associativo como um todo.

Palavras-chave: cooperativismo escolar, cooperativas-escola, cooperado.

1 INTRODUÇÃO

O cooperativismo escolar, especialmente o relacionado às cooperativas-escola, constituídas ao final da década de 1960, início da de 1970, e incorporado ao sistema escola-fazenda nas escolas agrotécnicas federais, passa atualmente por um processo de revisão de sua prática administrativa e pedagógica. Isso se dá no sentido de buscar novas perspectivas frente a algumas mudanças no regime administrativo das instituições de ensino, com as quais as cooperativas mantêm estreitos vínculos administrativos e pedagógicos, o que afeta profundamente seu funcionamento. Cooperativas-escola são instituições que possuem em seu quadro associativo alunos de ensino médio, especialmente os de escolas agrícolas, que as administram.

Neste texto, também se faz uma discussão relacionada à educação cooperativa e seus aspectos teórico-práticos visto que, na grade curricular do ensino médio agrícola, havia a disciplina Cooperativismo e, hoje, em muitas dessas escolas, ela já foi suprimida.

¹ Mestre em Extensão Rural pela UFSM, Professor da Escola Agrotécnica Federal de Sertão.

Teor. Evid. Econ.	Passo Fundo	v. 8	n. 14	p. 147-164	maio 2000
-------------------	-------------	------	-------	------------	-----------

Portanto, este trabalho é fruto de pesquisa de campo realizada visando levantar dados quanto à importância desse ramo cooperativo no sentido de detectar sua(s) contribuição(s) ou não, durante o período em que o aluno permaneceu associado, em sua formação humana e como cooperador à sua atividade profissional. Busca-se também colher informações e opiniões a respeito do papel desempenhado pelas cooperativas-escola e, na medida do possível, sugestões dos alunos egressos, procurando oferecer uma melhor fundamentação às comunidades escolares envolvidas, e o que pode representar um modelo educacional baseado na existência dessas cooperativas para o conhecimento e prática do pensamento cooperativo.

2 MATERIAL E MÉTODOS

A metodologia utilizada na coleta de informações partiu, inicialmente, dos objetivos propostos e da delimitação do público-alvo. Colheram-se dados de alunos egressos de instituições de ensino agrícola de nível médio dos estados do Rio Grande do Sul e Santa Catarina, envolvendo o período em que frequentaram o curso até a sua conclusão.

Os egressos consultados foram selecionados de forma aleatória através de cadastros disponíveis e fornecidos pelas escolas contactadas. Observando-se a quantidade de alunos formados em cada instituição anualmente, bem como os períodos mais representativos de formação desses jovens, objetivou-se uma melhor relação aluno concluinte/escola/.

Os cadastros consultados foram oriundos das escolas agrotécnicas federais de Bento Gonçalves, São Vicente do Sul e Sertão, no Rio Grande do Sul, e EAF de Concórdia, em Santa Catarina; do Colégio Agrícola da Universidade Federal de Santa Maria e das escolas agrícolas estaduais de Erechim, Lagoa Vermelha, São Leopoldo e Viamão (todas neste estado), buscando uma melhor distribuição regional e variedade de habilitações.

Os dados levantados basearam-se em uma pesquisa elaborada com questões fechadas de múltipla escolha, em sua maior parte, e com questões de cunho interpretativo, porém em menor número, respondidas pelos alunos e, após, sistematizadas para tabulação. Este trabalho ofereceu subsídios importantes na medida em que atingiu um número considerável de diferentes escolas, em diferentes locais e com uma gama de egressos formados em épocas distintas, com atuações profissionais diversas e com leituras do cenário também diferenciadas; desenvolveu-se no período de agosto a dezembro de 1999.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com relação à época de frequência a essas escolas (Figura 1), 3% dos alunos consultados formaram-se na década de 1970; 33%, na de 1980 e 64%, no decênio de 1990, o que evidencia também um maior número de alunos oriundos do 1º grau e que conseguem concluir o curso técnico profissionalizante, além do crescimento do número de estudantes no país.

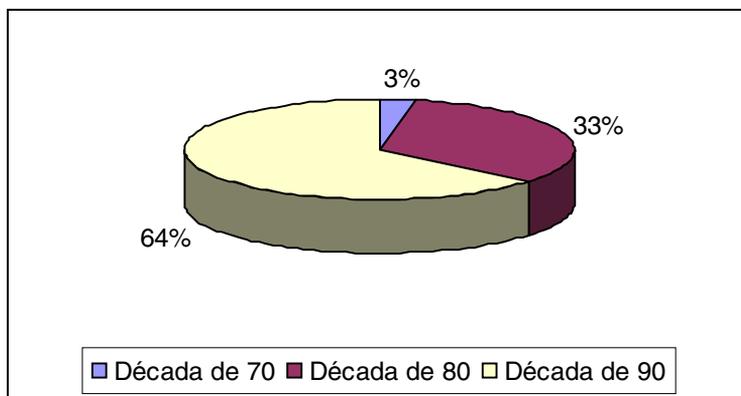


Figura 1 – Período em que o aluno frequentou o curso técnico.

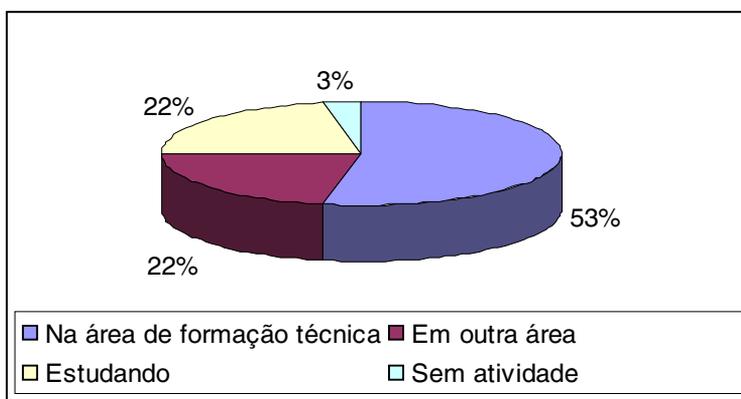


Figura 2 – Atividade atual dos alunos egressos das escolas.

Quanto à atividade atual (Figura 2), 53% atuam na área de sua formação profissional (técnicos de nível médio do setor primário), nos mais diversos setores de assistência técnica pública e privada, na comercialização de produtos oriundos e destinados a esse setor, na administração e produção de suas próprias atividades, nas atividades cooperativas e outras. Atuam em área que não a de sua formação 22% dos entrevistados – bancários, pequenos empresários, funcionários públicos, etc.; os outros 22% desenvolvem estudos em cursos de aperfeiçoamento, principalmente em cursos superiores relacionados ao setor primário. Encontram-se desempregados 3% dos egressos.

Com relação à época em que realizaram o curso técnico (Figura 3), os alunos foram questionados sobre a sua participação ou não nas atividades da cooperativa-escola.

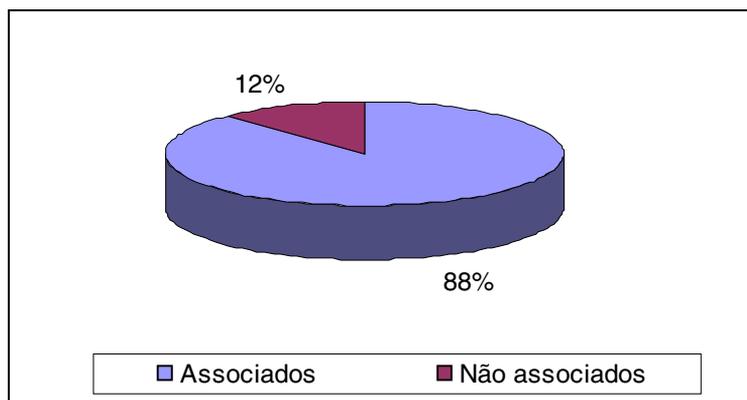


Figura 3 – Participação dos alunos na cooperativa-escola.

Participaram como associados 88% e não associados 12%. Dos associados, 29% participaram como dirigentes e 6%, como conselheiros fiscais.

O alto índice de associados é evidenciado por algumas razões: vários alunos oriundos do meio rural já vêm com certa predisposição à associação cooperativa pela atividade desenvolvida por seus pais e ou familiares, que, em pesquisa anterior, totalizaram um percentual de 72% , especialmente no segmento de produção, favorecendo, assim, que os filhos conheçam a idéia e o trabalho desenvolvido.

Outra condição é que, em algumas escolas, quando os alunos ingressam, de certa forma, são associados automaticamente no ato da matrícula, já que devem adquirir seu

“enxoval”, uniformes e outros materiais na cooperativa-escola; no caso, para quem é associado, há condições de compra facilitadas. Pode-se dizer, então, que, quase obrigatoriamente, esses alunos se associam. Com isso, de certa forma, essas cooperativas ignoram o primeiro princípio fundamental do cooperativismo, o da livre adesão, visando aumentar o índice associativo.

Dentre os serviços mais utilizados pelos alunos/associados (Figura 4) e que, no geral, quase todas as cooperativas-escola oferecem, 85% se referem ao setor de consumo, especialmente bar e bazar (cantinas), além dos produtos já citados. A condição de os alunos serem geralmente internos justifica-se, conforme a abordagem feita na seção anterior, pela localização das escolas fora da área urbana e, em determinadas cooperativas, o preço ser atraente para o associado.

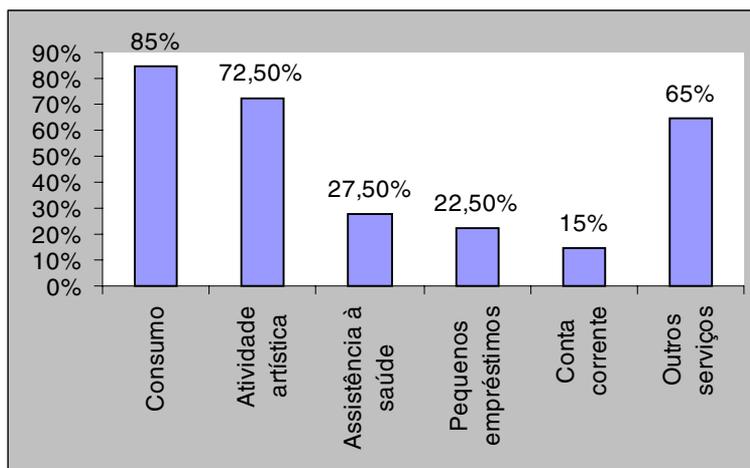


Figura 4 – Serviços utilizados pelos associados.

As atividades artísticas e esportivas promovidas pelas cooperativas têm a participação de 72,5% dos entrevistados; a assistência à saúde, 27,5%, e atividades de “empréstimos”, que representam um trabalho muito importante relacionado ao aspecto social das cooperativas-escola e é enfatizado em vários relatos; foram tomadas por 22,5% dos associados quantias pequenas, mas que, para um estudante interno, longe da família, muito contribuem. A conta corrente para depósitos e saques pessoais que cada associado possui é utilizada por 15%; outros serviços, como cursos, convênios com outras empresas locais, encontros, viagens, etc., são utilizados por 65% dos associados.

Questionados sobre a contribuição da cooperativa-escola para o seu bem-estar na comunidade escolar (Figura 5), 82% responderam afirmativamente, que ela contribui pelos vários serviços já mencionados, além do aspecto de integração através da solidariedade, que se torna favorecida pela condição de a grande maioria conviver no mesmo local. Responderam que a contribuição ocorre “em parte” 15% e 3% mencionaram não ter havido contribuição alguma ao seu bem-estar.

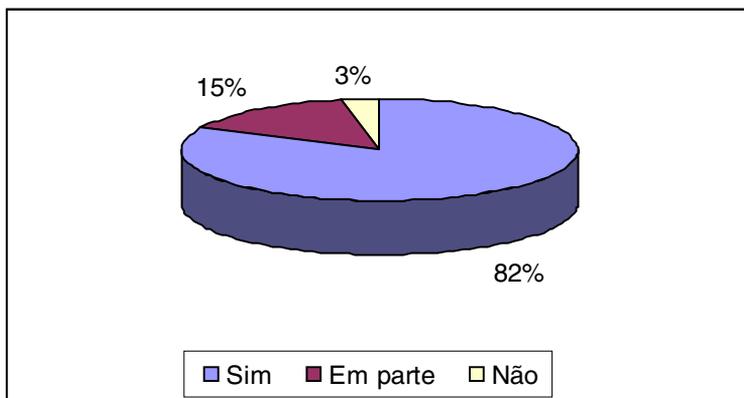


Figura 5 – Contribuição da cooperativa-escola.

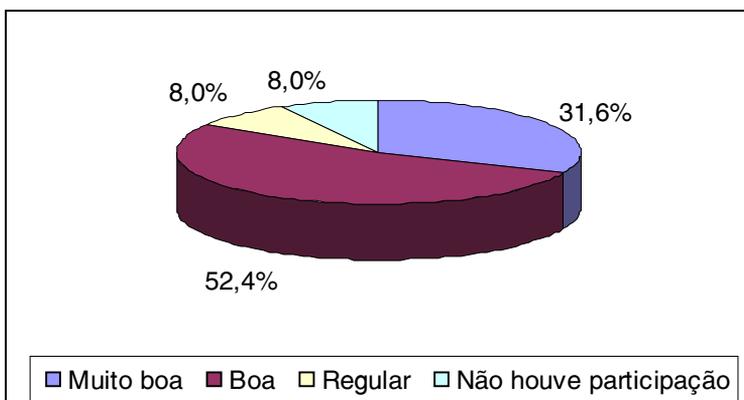


Figura 6 – Participação da cooperativa-escola na formação humana e técnica.

Questionados sobre a participação da cooperativa-escola na sua formação humana e técnica (Figura 6), 52,4% responderam que a participação da cooperativa foi boa; 31,6% disseram ter sido muito boa; para 8%, foi regular, e 8% acreditam que não houve participação em sua formação.

A contribuição da cooperativa-escola na formação de “liderança sócio comunitária” em sua atividade profissional (Figura 7) foi considerada importante para 71% e “em parte” para 23,7%; não houve qualquer contribuição no entender de 5,3% dos alunos/associados. Esses dados são mais bem evidenciados e confirmados na questão 12, quando é referida a sua participação na comunidade, nos diversos movimentos e associações, em que é constatado que uma percentagem expressiva participa, organiza e dirige essas entidades.

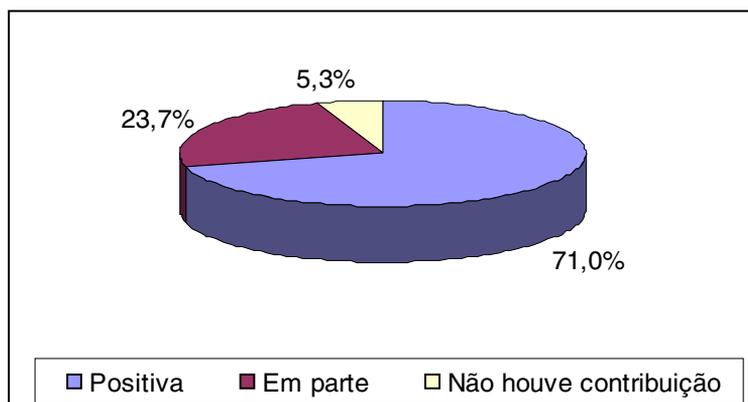


Figura 7 – Contribuição da cooperativa-escola na formação de “liderança socio-comunitária”.

Se for equacionada uma relação entre os que responderam ter havido uma participação boa e muito boa, encontrar-se-ão mais de 80% dos associados que acreditam que, além dos ensinamentos oferecidos pelas escolas no campo humano e técnico, as cooperativas-escola também desempenham este papel satisfatoriamente. Pode-se inferir disso o clima vivido por esses associados em comunidade.

Ao serem questionados sobre a presença da cooperativa-escola dentro de uma escola agrícola, com possibilidade de enumerarem mais de uma alternativa (Figura 8), 84% dos alunos acreditam que a sua existência favorece a aprendizagem da teoria

cooperativa através da possibilidade real de prática na cooperativa-escola; 58% entendem que a cooperativa proporciona melhores condições de permanência dos estudantes no estabelecimento de ensino e 11% entendem que a teoria dada não é clara em relação à prática cooperativa.

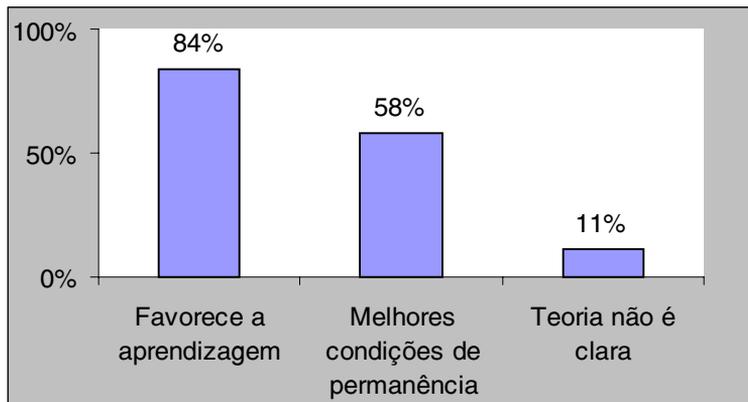


Figura 8 – Aspectos observados através da presença da cooperativa-escola na instituição de ensino agrícola.

Pelos dados obtidos, acredita-se que uma parcela elevada dos alunos/associados percebe a importância de uma cooperativa-escola dentro do estabelecimento de ensino por uma série de razões já levantadas. Como eles permanecem por períodos relativamente longos na escola, fazendo desta a sua segunda residência, torna-se imprescindível uma associação que lhes ofereça outras possibilidades que não só o processo didático desenvolvido em sala de aula.

Por outro lado, a alternativa apontada por 11% dos entrevistados, de que a teoria dada não é clara em relação à prática cooperativa, é um ponto preocupante, pois pode-se perceber a distância entre a sala de aula (teoria) e a prática na cooperativa-escola, isto é, há falta de um ponto comum entre teoria e prática. Talvez haja a necessidade da presença física dos associados de forma organizada em grupos, por exemplo, permanecendo nas repartições da cooperativa com o intuito de acompanhar as atividades desenvolvidas diariamente, o que poderia favorecer um processo de interação maior, de crescimento da participação do associado nos rumos da entidade.

A questão 7 levantava a possibilidade ou não de os ensinamentos cooperativistas oportunizarem o desenvolvimento de aptidões e qualidades em seus associados (Figura 9). O aspecto participação foi apontado por 87% dos associados; o desenvolvimento da liderança, por 84%; a responsabilidade, por 81%; o espírito solidário é despertado em 71% dos associados; a iniciativa, em 66%; a comunicação, em 55%, e o aspecto criatividade, em 50%.

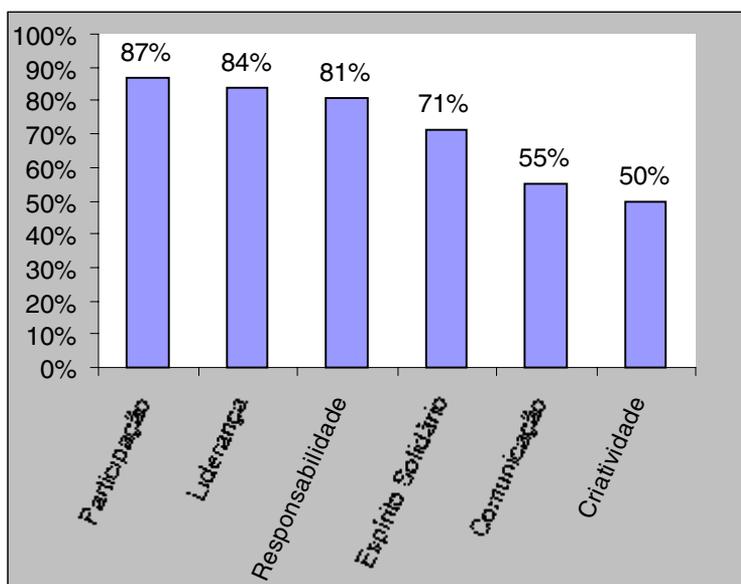


Figura 9 – Aptidões e qualidades desenvolvidas pela cooperativa-escola.

Podem-se analisar aqui duas condições especiais que a educação cooperativista visa proporcionar, que são a participação e a solidariedade do ser humano associado a essa entidade. Pela quantidade significativa de apontamentos, pode-se verificar que ela vem cumprindo o papel no sentido de despertá-los na instituição de ensino, o que certamente se prolonga em sua vida e nas atividades profissionais. Também são importantes as citações dos outros aspectos na formação humana para o exercício da cidadania e integração na sociedade.

Com relação à disciplina de Cooperativismo, abordada aqui por uma série de razões, entre elas a sua presença nos currículos dos cursos técnicos profissionalizantes

de nível médio e a sua substituição ou incorporação no programa de outras disciplinas, questionou-se sobre o cumprimento de seus objetivos (Figura 10).

Pelos dados obtidos, nota-se que a disciplina de Cooperativismo foi considerada “boa” por 46,7% dos entrevistados; “muito boa” por 40% e “regular” por 13,3%. Considerando-a boa e muito boa, mais de 80% acreditam que ela cumpriu seus objetivos, mas há uma ressalva que se deve analisar: a conceituação regular significa que há a necessidade de uma auto-avaliação, buscando os pontos que não foram suficientemente atendidos.

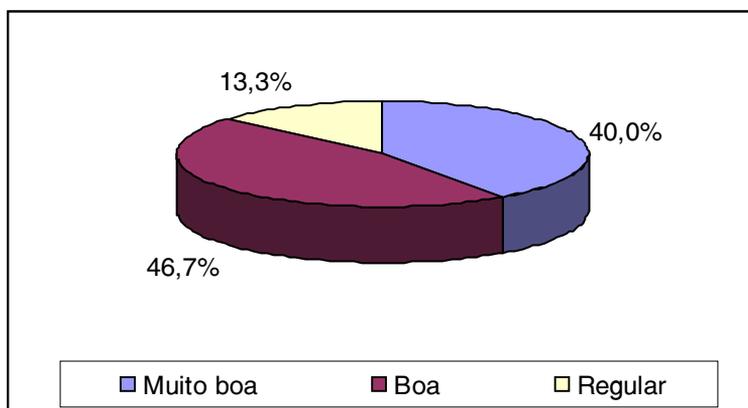


Figura 10 - Avaliação dos egressos sobre a disciplina Cooperativismo.

Quanto à continuidade da disciplina de Cooperativismo, 97% dos entrevistados responderam que deveria ter continuidade, evidenciando que foi cometido um equívoco pelos departamentos pedagógicos e direções de escolas em sua supressão do currículo técnico. Assim, em custo do índice apontado, talvez deva ser reavaliado o processo, já que as escolas possuem autonomia didática e pedagógica, conforme o regime autárquico que desfrutam (as escolas agrotécnicas federais), bem como a flexibilização dos currículos em 30% do rol de disciplinas. A retirada da disciplina do currículo foi opção de 3% dos consultados.

Outra questão abordada (Figura 11) refere-se à suficiência da disciplina de cooperativismo e da sua participação na cooperativa-escola durante o período de estudo, para que esta lhe proporcione orientar a criação de qualquer ramo de cooperativa em sua comunidade.

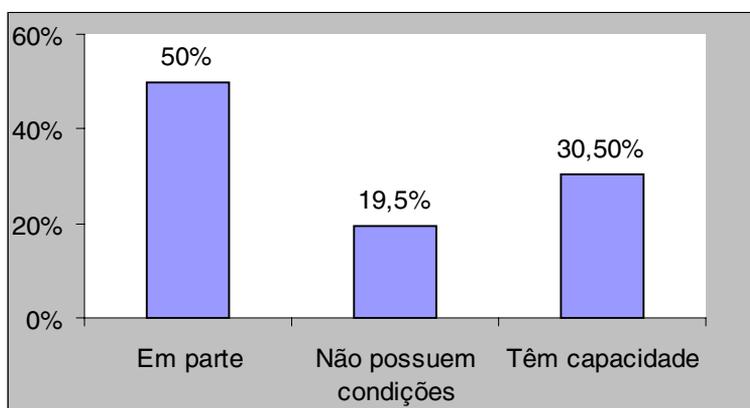


Figura 11 – Possibilidade de orientar a formação de cooperativas.

Responderam “em parte” 50% e “não possuem condições”, 19,5% dos entrevistados. Portanto, aproximadamente 70% entendem que a disciplina de Cooperativismo e sua participação na cooperativa-escola não foram suficientes para, se instigados, possuírem condições de propor ou liderar grupos de pessoas em busca da constituição desse tipo de associação. Dos que afirmaram “ter capacidade” para tal intento, 30,5%, pode-se deduzir que puderam extrapolar seus conhecimentos e sua prática adquiridos quando estudantes no auxílio e na liderança dos movimentos associativos.

Por outro lado, pode-se compreender que há dificuldades de entendimento sobre o modo do funcionamento de uma cooperativa, seu estatuto e sua capacidade de desenvolver um trabalho de conscientização, de liderá-lo ou integrá-lo. As possibilidades são diversas: poderá não ser o objetivo da disciplina formar multiplicadores dessas associações, ou os temas enfocados não propiciam tais atitudes por serem, de certa forma, superficiais, ou, ainda, o enfoque pode estar voltado apenas ao funcionamento das cooperativas escolares, não tornando claras as realidades dos outros segmentos.

A influência da educação cooperativista e da participação como associado na cooperativa-escola em sua atividade profissional foi mais uma questão proposta (Figura 12).

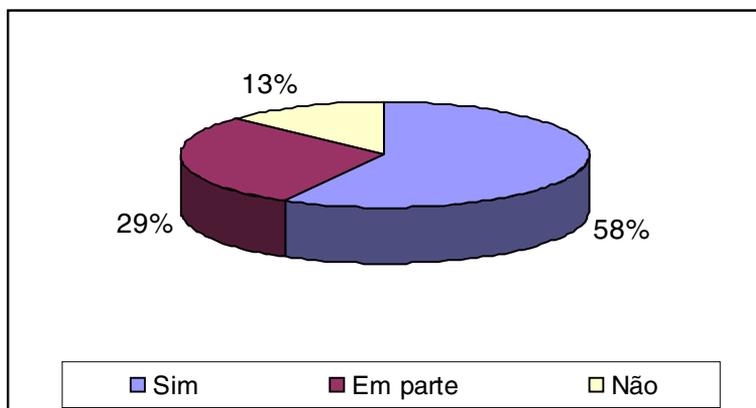


Figura 12 – Influência da educação cooperativista na atividade profissional.

Responderam afirmativamente 58%, o que poderá ser também evidenciado na questão 12, no qual a percentagem de egressos que são profissionais em cooperativas e outras associações ou dirigentes aproxima-se dos 40%. Isso revela não só o potencial das cooperativas e do setor como empregador, mas, também, a possibilidade oferecida pela convivência e participação durante, pelo menos, três anos em uma instituição que adota a educação cooperativista. Escolheram a alternativa “em parte” 29% e não influenciou na sua atividade profissional 13%.

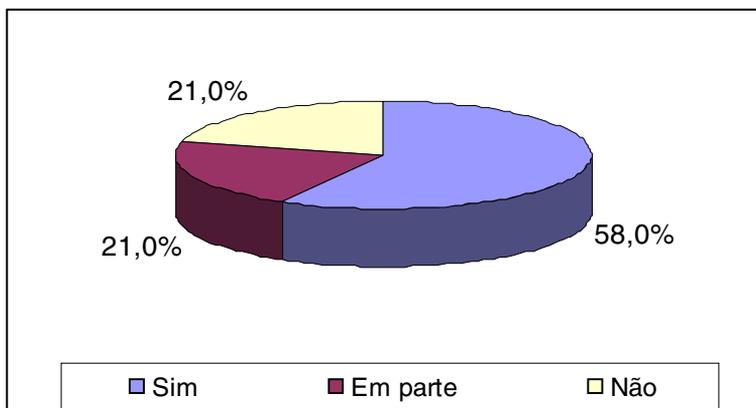


Figura 13 – Área de Atuação profissional.

A questão seguinte fazia referência à área de atuação profissional (Figura 13). Responderam afirmativamente que hoje sua atividade está relacionada ao cooperativismo ou outra forma de associativismo (sindicalismo, associações, condomínios, etc.) 58% dos entrevistados; “em parte”, 21%, e não está relacionada à área cooperativa, 21%.

Isso demonstra que, apesar das condições de mercado de trabalho para os técnicos do setor primário de produção, as cooperativas, especialmente de produção, foram, e é possível que ainda sejam, um grande mercado absorvedor desses profissionais. Nota-se que esse movimento teve maior intensidade nas décadas de 1970 e 1980, com uma sensível diminuição a partir de 1990, decorrente das sucessivas crises dos planos econômicos nacionais adotados pelos últimos governos, da opção pelo modelo neoliberal e da globalização dos mercados. No entanto, mais da metade dos alunos formados por essas escolas, número que também pode ser extrapolado para egressos de outras, está desenvolvendo atividades profissionais no setor cooperativo.

A questão 12 (Figura 14) tomava como análise “o público que desenvolve suas atividades relacionadas às diversas formas de associações”, apontado na questão anterior. Desses, 40% afirmaram que “atuam como associado a uma cooperativa ou outra associação”; 19% atuam “como profissional na área cooperativa”; 6,5%, “como dirigente de cooperativa ou outra associação”; 12,5%, “como organizador de cooperativas ou outras associações” e 22%, “com atuação em sindicatos, cooperativas de assentamentos, condomínios rurais, núcleo de produtores rurais”.

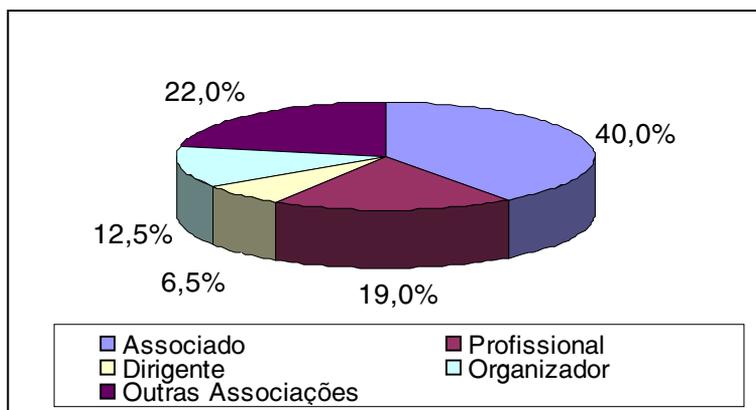


Figura 14 – Atuação nas várias formas associativas.

Evidencia-se o aspecto associativo, participativo e solidário dos egressos nas formas mais variadas de organizações, desenvolvendo um trabalho que, direta ou indiretamente, contribui para o aperfeiçoamento e a disseminação da consciência humana e cristã da cooperação.

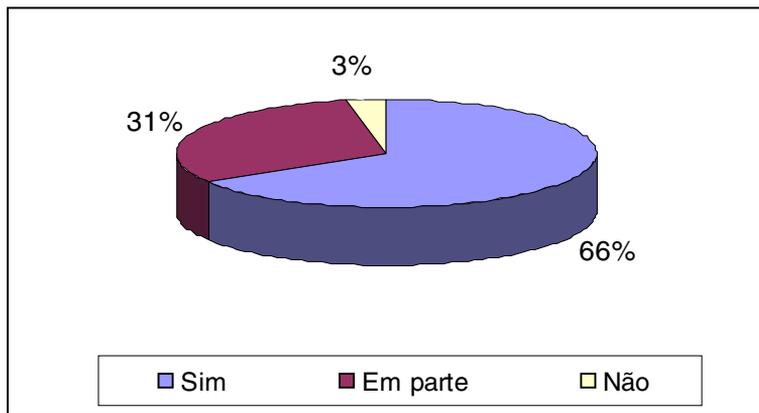


Figura 15 - Importância do aspecto solidariedade no desenvolvimento de povos e nações.

A questão 13 (Figura 15) diz respeito ao aspecto da solidariedade no desenvolvimento das comunidades, perguntando se o aluno acredita que o desenvolvimento de um Estado ou nação possa ocorrer através da solidariedade e da associação, em contraposição ao capitalismo. Afirmaram que “sim” 66%; “em parte”, 31,4% e “não”, 2,6%. Com base nesses números, a partir de que fatos ou pontos pode-se tentar fundamentar a afirmativa “sim” desta questão? Em resposta, podem-se levantar situações históricas, a própria sobrevivência da espécie humana contra seus “inimigos naturais”; fatos históricos vivenciadas por diversos povos em várias nações no mundo, que se utilizaram força gerada pela união, pressuposta pela solidariedade, para lograr êxitos.

Outro dado que pode ser considerado é que a maioria das respostas são de pessoas habitantes do Rio Grande do Sul, sinalizando para o atual momento político-administrativo vivido no estado, por conta de um projeto de governo frontalmente contrário ao sistema econômico adotado pela grande maioria dos países e pelo governo da União, primando pelo aspecto da participação, cooperação e da solidariedade na condição dos destinos dos cidadãos e da administração de um estado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Finalizando a coleta de dados deste segmento, sugerem-se considerações dos egres-
sos sobre “sua visão do cooperativismo escolar, sugestões ao sistema e à educação coo-
perativa nas escolas agrícolas”, que passam a ser relatadas.

- A educação cooperativa prepara para uma visão solidária, promovendo a orga-
nização desde seus estudos até sua vida profissional, acumulando experiências
que irão facilitar o enfrentamento de problemas e dificuldades que encontrarão
adiante.
- Sensibilizar para a participação do associado para que ele compreenda que é
parte dela (da cooperativa), que a sua participação e o seu comprometimento o
ajudarão a crescer e ter condições de oferecer maiores vantagens a eles próprios.
- É necessário aumentar o número de horas/aula da disciplina de cooperativismo,
pois é importante para a formação da pessoa como ser humano e como profis-
sional.
- Aos técnicos, como formadores de opinião na extensão do meio rural, há neces-
sidade de uma formação cooperativa; a sua própria conscientização desta impor-
tância será benéfica ao interagirem com o produtor rural.
- Além da parte teórica, o aluno deve conhecer a prática cooperativa, baseada no
bom exemplo e/ou através de estágios de atuação, conhecendo a doutrina coo-
perativa. Através do cooperativismo, o estudante/profissional é favorecido no
desenvolvimento de sua comunicação, organização e na defesa do pequeno pro-
prietário principalmente.
- Há uma maior necessidade do envolvimento do quadro social em sua cooperati-
va-escola. Geralmente, as pessoas do conselho administrativo são mais atuantes,
mas o restante pouco se mobiliza. Necessita-se de maior envolvimento na disci-
plina e produção de trabalhos com temas cooperativos.
- É necessário trazer à sala de aula novas experiências, referentes à criação de
cooperativas alternativas e/ou associações, tão comuns em assentamentos, pe-
quenos agricultores, etc. Isso apresentado em sala de aula faz com que os alunos
percebam o outro lado e as outras possibilidades de se implementar o coopera-
tivismo, e não só a forma tradicional, atuando como disseminadores de “paco-
tes” tecnológicos, que muitas vezes não são coerentes com a realidade de seus
associados. É preciso oferecer algo alternativo em termos de cooperativa-escola,
empenhar-se pela sua existência, encontrar a melhor forma administrativa, mes-
mo sem recursos.

- O descrédito do cooperativismo tradicional também está aliado ao grande despreparo por parte das pessoas envolvidas na administração e gerenciamento de instituições cooperativas.
- A disciplina de cooperativismo nas escolas agrícolas está sendo vista como um tema secundário na aprendizagem. Mas, analisando a questão prática, há um grande campo de trabalho que possibilita colocar-se à frente metas, idéias, sugestões, parcerias, visando ao benefício tanto da cooperativa quanto do associado, que é a figura central (ator principal) da existência de uma cooperativa, ou deveria ser.
- A questão de o cooperativismo constituir uma saída no combate aos atravessadores no meio rural é apontada como uma alternativa à mão dos produtores rurais (esta questão foi enfatizada por vários relatos).
- Deve-se considerar a importância das escolas que investem na formação cooperativista dos seus alunos, que se acredita ser um caminho inevitável para o alcance do desenvolvimento no campo, fundamentalmente quando se trata de pequenas propriedades.
- Necessita-se oferecer uma disciplina bastante realista e que venha a praticar a realidade do cooperativismo. As pessoas ainda não estão bem preparadas para o trabalho cooperativo.
- Deve haver maior criatividade nas aulas de cooperativismo quanto à utilização de recursos pedagógicos, juntamente com a necessidade de visitas a outras cooperativas, atividades com as gerências e setores, enriquecendo o processo, tornando-o mais dinâmico e operacional, e procurar envolver um número maior de professores com o tema.
- Há necessidade de uma construção filosófica pela sociedade, iniciada pela educação e patrocinada, inicialmente, pelo Ministério da Educação, no sentido de criar e oferecer à população em geral um trabalho consciente de educação cooperativista.
- Por causa da “falência” e da má administração de cooperativas agropecuárias, o exemplo que temos a mostrar aos estudantes oriundos do meio rural e filhos de agricultores associados e descrentes dessas cooperativas é um longo caminho a trilhar no sentido de reverter essa cultura; esse desafio é, porém, colocado agora para a educação.
- É necessário relacionar melhor o conteúdo teórico à realidade prática, pois quase sempre se encontram afastados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, J. A. *Pesquisa em extensão rural: um manual de metodologia*. Brasília: MEC/ ABEAS. 1989.
- FREITAG, B. *Escola, Estado e sociedade*. 6. ed. São Paulo: Moraes, 1986.
- GADOTTI, M. *Concepção, dialética e educação*. 9. ed. São Paulo: Cortez, 1995. 175 p.
- OLIVEIRA, H. L. *A constituição de cooperativas-escola*. São Leopoldo, 1991. 58 p. Monografia (Especialização em Cooperativismo) – Cedope/Unisinos, 1991.
- PINHO, D. B. *Economia e cooperativismo*. São Paulo: Saraiva, 1977.
- SCHNEIDER, J. O. A doutrina do cooperativismo nos tempos atuais. *Cadernos Cedope*. Série cooperativismo, n. 12, 1994. p. 7-23.
- _____. *Democracia, participação e autonomia cooperativa*. 2. ed. São Leopoldo: Unisinos, 1999. p. 36-51.

ABSTRACT

THE ROLE OF THE CO-OPERATIVE SCHOOL SYSTEM IN THE STUDENT/ ASSOCIATE PROFESSIONAL EDUCATION

The scholar co-operative society represented by school co-operative (the pupils who study high school in farmer schools) are crossing nowadays through changins in its pedagogicol and administrative department. A study has been planned trying to improve the way which, were developed, with the main purpose of helping the school co-operative and its partners.

Key words: co-operative school system, co-operative schools, associates.

SINOPSIS

EL PAPEL DEL COOPERATIVISMO ESCOLAR NA FORMACIÓN DEL ESTUDIANTE / ASOCIADO, EN SU ACTIVIDAD PROFESIONAL

El cooperativismo escolar representado por las cooperativas de enseñanza, asociaciones de estudiantes que cursan la enseñanza de nivel medio em escuelas agrícolas, atravessa actualmente por una fase de revisión de su práctica administrativa y pedagógica. Un estudio del papel del cooperativismo de enseñanza na formación humana e profesional del cooperado, analiza las posibilidades de crecimiento que esta institución pode ofrecer a sú cuadro asociativo.

Palabras-clave: Cooperativismo escolar, cooperativas de enseñanza, cooperado.